

Comunicação, Política e Atores Coletivos

Atena
Editora
Ano 2020



Alexsandro Teixeira Ribeiro
(Organizador)

Comunicação, Política e Atores Coletivos

Atena
Editora
Ano 2020



Alexsandro Teixeira Ribeiro
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Alexsandro Teixeira Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C741 Comunicação, política e atores coletivos [recurso eletrônico] / Organizador Alexsandro Teixeira Ribeiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-365-1

DOI 10.22533/at.ed.651201709

1. Comunicação. 2. Política e governo. I. Ribeiro, Alexsandro Teixeira.

CDD 302.24

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Comunicação, Política e Atores Coletivos” reúne uma série de contribuições científicas que aprofundam o debate sobre temas de convergência entre as áreas da comunicação, como jornalismo, publicidade e relações públicas, em diálogo com outras áreas do conhecimento, como psicologia, sociologia, ciência política e marketing. De cunho interdisciplinar, a obra tem por objetivo apresentar o resultado de pesquisas realizadas em todo o país, consolidando um quadro de cooperações científicas que destaca a excelência nacional na produção de conhecimento. O resultado deste esforço, é uma organização que problematiza assuntos atuais e de relevância pública, como crise econômica, representatividade, gêneros, combate ao feminicídio e movimentos sociais.

De fato, em uma sociedade imersa na comunicação, em que a realidade é socialmente construída a partir das tecnologias da informação, o papel dos meios na representatividade e visibilidade social de um fato é de extrema centralidade. Com isso, a comunicação torna-se a arena para debates que renovarão a esfera pública e promover a integração da sociedade, sobretudo no que diz respeito às comunidades em vulnerabilidade, as identidades que clamam por reconhecimento e os movimentos sociais. Este é o palco que se torna predominante entre as contribuições científicas nesta obra reunida e publicada pela Atena Editora.

Aqui, em um primeiro bloco de artigos, nos aprofundamos na análise dos meios de comunicação ora como promotores de empoderamento, ora como espaço de exclusão. Nesta dicotomia, observamos os discursos e comportamentos da mídia frente ao feminismo, à representatividade da comunidade LGBTI, e à participação das mulheres nos espaços de poder. E não se encerra aí. Ainda observamos nos demais artigos e esforços acadêmicos, que dão conta da amplitude da obra e da qualidade da formação superior nacional, temas como luta pela terra, políticas públicas, a história recente brasileira na luta pela democracia, a violência urbana, crise econômica e o papel da mídia e do Estado em áreas de invisibilidade social. O rigor metodológico e as contribuições interdisciplinares faz da coleção “Comunicação, Política e Atores Coletivos” uma obra que contribui para o campo científico nacional.

Alexsandro Teixeira Ribeiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A VISIBILIDADE DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ESTADÃO: UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA EM REPORTAGENS VEICULADAS NOS ANOS DE 1985 E 2015	
Luíza Buzzacaro Barcellos Janie Kiszewski Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.6512017091	
CAPÍTULO 2	14
LIP SYNC FOR YOUR LIFE: UMA DISCUSSÃO JORNALÍSTICA SOBRE DRAG QUEENS	
Talita Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6512017092	
CAPÍTULO 3	26
MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO - REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A PARTICIPAÇÃO CIVIL FEMININA NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018	
Raquel Lobão Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.6512017093	
CAPÍTULO 4	40
MÍDIAS DIGITAIS, CUIDADO E AUTOCUIDADO NO MOVIMENTO FEMINISTA COMO ESTRATÉGIA DE PARTICIPAÇÃO	
Cosette Castro	
DOI 10.22533/at.ed.6512017094	
CAPÍTULO 5	53
A MULHER NA FOLHA BANCÁRIA: UM RECORTE DE GÊNERO NA IMPRENSA SINDICAL	
Alexsandro Teixeira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.6512017095	
CAPÍTULO 6	65
AS RECATADAS: AS MULHERES ENQUANTO PAUTA E PROTAGONISTAS NO RÁDIO	
Sofia Soares Dietmann Leslie Sedrez Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.6512017096	
CAPÍTULO 7	75
O CORPO NOS ECOSSISTEMAS COMUNICATIVOS: DESDOBRAMENTOS PARA A EDUCOMUNICAÇÃO	
Ricardo Barretto	
DOI 10.22533/at.ed.6512017097	

CAPÍTULO 8	85
CÂNCER DE MAMA: CORPO, POLÍTICA E A FOTOGRAFIA HUMANISTA DE KATHARINA MOURATIDI	
Mônica Torres	
DOI 10.22533/at.ed.6512017098	
CAPÍTULO 9	101
O PAPEL DO JORNALISMO NO CONTROLE DEMOCRÁTICO E NA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS	
Juciméri Isolda Silveira	
Manuella Niclewicz	
DOI 10.22533/at.ed.6512017099	
CAPÍTULO 10	110
CONTROLE, REPRESSÃO E VIGILÂNCIA SOB O OLHAR INFANTIL EM <i>O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS</i>	
Gisele Gutstein Guttschow	
Juliana de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.65120170910	
CAPÍTULO 11	124
DO TRABALHO PRECÁRIO À ORGANIZAÇÃO MILITANTE: FORMAS DE ATUAÇÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO (MTST)	
Renan Dias Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.65120170911	
CAPÍTULO 12	140
A CIDADE DO MEDO: A CRISE POLÍTICO-ECONÔMICA E SEUS EFEITOS SOBRE A MARCA RIO	
Patricia Cerqueira Reis	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.65120170912	
CAPÍTULO 13	154
A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932: UMA ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA ACERCA DO FATO HISTÓRICO	
Carlos Eduardo Klingelfus Grasso	
Guilherme Barros Nascimento	
Israel Filipe Santos Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.65120170913	
CAPÍTULO 14	170
BANDIDOS NA TV: A MORTE PELA AUDIÊNCIA	
Marcela Rochetti Arcoverde	
DOI 10.22533/at.ed.65120170914	

CAPÍTULO 15	181
O JORNALISMO NA ERA DO ENTRETENIMENTO: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE INFOTENIMENTO	
Paula Miranda	
Leonel Azevedo de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.65120170915	
CAPÍTULO 16	194
GUTEMBERG: A ERA DA IMPRENSA	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.65120170916	
CAPÍTULO 17	202
INSTRUMENTOS DE PARTICIPAÇÃO POPULAR INFORMAIS: UMA ANÁLISE DOS CONSELHOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS NO MUNICÍPIO DE SOUSA-PB	
Jacynara Farias de Souza Marques	
Rafaela Azevedo dos Santos Felix	
DOI 10.22533/at.ed.65120170917	
CAPÍTULO 18	221
INTERVENÇÃO FEDERAL NO RIO DE JANEIRO (2018): ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS MIDIÁTICAS UTILIZADAS PELO <i>JORNAL NACIONAL</i> E DA SUA RESPONSABILIDADE NA MUDIATIZAÇÃO DA SEGURANÇA PÚBLICA E DA VIOLÊNCIA NO ESTADO	
Tamiris Artico	
Carla Montuori Fernandes	
Maria Goreti Lopes Artico	
DOI 10.22533/at.ed.65120170918	
CAPÍTULO 19	244
NEUROMARKETING APLICADO SOBRE GRANDES MASSAS	
Adelcio Machado dos Santos	
Alexandre Carvalho Acosta	
Evandro Henrique Cavalheri	
DOI 10.22533/at.ed.65120170919	
CAPÍTULO 20	252
O BRASIL NAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS QUE CIRCULAM NO IMAGINÁRIO ESTRANGEIRO, PRODUÇÃO, CONSUMO E PODER	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.65120170920	
CAPÍTULO 21	265
O CELEIRO VAZIO: A DECISÃO DE PUBLICITÁRIOS DE DEIXAR AS AGÊNCIAS CARIOCAS	
Roberto Sá Filho	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.65120170921	

CAPÍTULO 22	282
A FOTOGRAFIA EM RELAÇÕES PÚBLICAS Ana Domitila Rosa Lemos Silva Gardene Leão DOI 10.22533/at.ed.65120170922	
CAPÍTULO 23	295
PSICOLOGIA AMBIENTAL: UM DIÁLOGO COM ARQUITETURA E DIREITO João Ernesto Pessutto Marco Aurelio Prette Charaf Bdine Nelson Finotti Silva Carlos Florido Migliori Paula de Oliveira Santos Miyazaki Neide Aparecida Micelli Domingos Leda Maria Branco Maria Cristina de Oliveira Santos Miyazaki DOI 10.22533/at.ed.65120170923	
CAPÍTULO 24	308
UM TOM REDENTOR PARA O DISCURSO PUBLICITÁRIO DIANTE DA CRISE ECONÔMICA BRASILEIRA Lívia Valença da Silva DOI 10.22533/at.ed.65120170924	
CAPÍTULO 25	322
DESCOBRINDO NOVOS CAMINHOS: APLICAÇÕES DA TERAPIA COGNITIVO- COMPORTAMENTAL Tháís Sanches Silva Eliana Melcher Martins DOI 10.22533/at.ed.65120170925	
SOBRE O ORGANIZADOR	333
ÍNDICE REMISSIVO	334

CAPÍTULO 7

O CORPO NOS ECOSISTEMAS COMUNICATIVOS: DESDOBRAMENTOS PARA A EDUCOMUNICAÇÃO

Data de aceite: 01/09/2020

Ricardo Barretto

Universidade de São Paulo, ECA/USP
São Paulo-SP
<http://lattes.cnpq.br/6607386644917027>

Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

RESUMO: Os ecossistemas comunicativos designam a relação entre sujeito e mídias e são base para desdobramentos teóricos em diferentes autores da Educomunicação. O conceito vai além ao abarcar a mudança da percepção sensível no contato entre humano e tecnologia. Essa transformação do *sensorium* é referência para a Comunicação e as Ciências Humanas e também estabelece conexão com a Neurociência, cujo entendimento sobre a cognição humana refuta a separação entre corpo e mente. Pelo contrário, aponta que o pensamento e as habilidades perceptivas e expressivas são resultado de uma ação integrada do corpo, não apenas do cérebro. Portanto, a mudança de *sensorium* associada aos ecossistemas comunicativos implica tratar também do corpo, o que representa novas possibilidades de reflexão e prática para a Educomunicação na era das tecnologias digitais em rede.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação, corpo, cognição, sensorium, tecnologia.

THE BODY IN COMMUNICATIVE ECOSYSTEMS: UNFOLDINGS FOR EDUCOMMUNICATION

ABSTRACT: Communicative ecosystems designate the relation between subject and media and are referred to as basis for several theoretical developments in the Educommunication realm. The concept goes beyond once it encompasses the changes in sensitive perception that emerge from human-technology interaction. Such transformation of the sensorium is a relevant reference for Communication and Human Science studies, as well as it establishes connection with Neuroscience and its understanding that human cognition rebuts the separation between body and mind. On the contrary, it points that thought together with perceptual and expressive skills result of an integrated action of the body, not only of the brain. Therefore, the change in sensorium associated to communicative ecosystems imply that the body has to be taken into account when dealing with Educommunication reflection and praxis in the digital era.

KEYWORDS: educommunication, embodiment, cognition, technology.

TEXTO DO TRABALHO

A ideia de ecossistema comunicativo atravessa o campo da Educomunicação a partir do conceito introduzido por Martín-Barbero pela primeira vez no ano 2000. Na formulação inicial,

o autor identifica ecossistema comunicativo com a relação entre sujeitos e as diversas tecnologias que caracterizam a cultura digital contemporânea - englobando dos cartões magnéticos até as extensas vias da Internet.

Esse costuma ser o ponto de partida de diferentes autores que refletem sobre a Educomunicação, quando citam o conceito emblemático de Martín-Barbero para então atualizá-lo. Soares (2004) propõe uma ampliação ao fazer referência, por exemplo, a uma perspectiva integradora da educação e da tecnologia, na qual não há um único modelo de ecossistema comunicativo:

“O resgate da aprendizagem como espaço produtor de sentidos em processos pedagógicos tem sido, por exemplo, uma das contribuições do argentino Daniel Prieto para a análise das relações tecnologia/educação. Segundo este autor, o desenho conceitual para introduzir as tecnologias ao serviço da educação é primordialmente comunicacional. Por outro lado, o denominado deslocamento dos centros de aprendizagem, tanto das fontes do saber quanto dos atores do processo educativo, compromete seriamente o tipo de modelo comunicacional que dá suporte a estas práticas formativas. Não existe, pois, apenas um modelo de ecossistema comunicativo, mas diversos, segundo os graus de interatividade presentes nos processos de trocas simbólicas.” (SOARES, 2004, p. 7-8)

Na perspectiva específica da Educomunicação, a abordagem de Tavares Jr. oferece uma definição mais detalhada sobre como operam na prática os ecossistemas comunicativos:

“Quanto aos conceitos difundidos pela teoria educ comunicativa podemos entender ecossistema comunicativo como o conjunto de ações que viabilizem a promoção e ampliação das relações de comunicação entre as diversas pessoas e instâncias que compõem a comunidade educativa. Inclui desde a organização do ambiente até a disponibilização dos recursos. Estimula a descentralização do poder, o diálogo, a interação e a abertura de espaço para diferentes experiências e vivências culturais. Avalia a qualidade das relações interpessoais buscando harmonia e equilíbrio em ambientes em que diversos atores possam conviver com diferentes tecnologias e meios de expressão.” (TAVARES JR. 2007, p.72)

Em outra abordagem, Consani (2011) conecta os ecossistemas comunicativos à noção de comunidade:

“O conceito de “ecossistema comunicativo” identifica-se com a noção de comunidade educativa desde que seja articulado transversalmente por processos comunicativos, o que pressupõe a gestão compartilhada de processos, a horizontalidade de organograma (empowerment) e o estímulo ao protagonismo.” (CONSANI, 2008, p.40)

Todos estes desdobramentos da proposição inicial de Martín-Barbero ajudam a delinear um entendimento atualizado sobre os ecossistemas comunicativos e como são fundamentais na relação entre Educação e Comunicação.

Para a discussão que fazemos agora, cabe ressaltar, no entanto, uma ênfase pouco lembrada no conceito original de Martín-Barbero (2000): a mudança do *sensorium*. O autor explica este termo ao afirmar que ele se revela mais visivelmente nos mais jovens, por meio de:

“(...) suas empatias cognitivas e expressivas com as tecnologias, e nos novos modos de perceber o espaço e o tempo, a velocidade e a lentidão, o distante e o próximo, que elas entranham.

Trata-se de uma experiência cultural nova, ou como W. Benjamin o chamou, um sensorium novo, uns novos modos de perceber e de sentir, de ouvir e de ver, uma nova sensibilidade que em muitos aspectos choca e rompe com o sensorium dos adultos.”¹ (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 37)

É inegável que os jovens demonstram na prática uma propensão maior a absorver e lidar com a tecnologia, e forjar um universo cultural integrado ao digital reticular. Cabe notar, no entanto, que aquele susto e estranhamento iniciais dos adultos com a nova cultura digital em rede, que emergia há mais de 20 anos, já não é o mesmo, tendo os mais velhos também aderido, em diferentes intensidades, às redes sociais, aos *smartphones*, aos *memes*, *apps*, serviços digitais e todo tipo de conectividade.

O ponto central dessa observação é que esta mudança de sensorialidade é um fenômeno que se alastrou por diferentes espectros da sociedade. E isso indica novos modos das pessoas estarem no mundo, interpretarem estímulos e situações, expressarem impulsos e reações, construir pensamento.

Assim, a noção de transformação do *sensorium*, proposta por Benjamin e resgatada por Martín-Barbero, é um elemento-chave para compreender por completo a dimensão humana nos ecossistemas comunicativos. E, mais ainda, na perspectiva da Comunicação como um todo. É o que nos lembra outro autor emblemático, que também bebe no conceito de Benjamin. Quando Marshal McLuhan afirma que “*o meio é a mensagem*”, não está se restringindo aos fatores de transporte de informação e produção de narrativas associados às mídias. Está aludindo também a como as qualidades sensórias e cognitivas associadas às diferentes mídias torna-se ponte para novos modos de perceber, expressar-se e refletir sobre o mundo.

“Quem ainda se sinta inclinado a duvidar que a roda, a fotografia ou o avião alteram nossos hábitos de percepção sensível, não pode mais duvidar ante a iluminação elétrica. Neste domínio, o meio é a mensagem, e quando a luz está ligada, há um mundo sensório que desaparece quando a luz está desligada.”
(MCLUHAN, 1964, p. 150)

¹ Livre tradução para o trecho a seguir: “(...) en sus empatías cognitivas y expresivas con las tecnologías, y en los nuevos modos de percibir el espacio y el tiempo, la velocidad y la lentitud, lo lejano y lo cercano, que ellas entranan. Se trata de una experiencia cultural nueva, o como W. Benjamin lo llamó, un sensorium nuevo, unos nuevos modos de percibir y de sentir, de oír y de ver, una nueva sensibilidad que en muchos aspectos choca y rompe con el sensorium de los adultos.”

Essa é a dimensão do *sensorium* às vezes menosprezada nas leituras sobre o conceito de McLuhan, assim como recebe menos ênfase nas leituras sobre a reflexão de Martín-Barbeiro quanto aos ecossistemas comunicativos. A motivação para deixar mais evidente a correlação entre sensorialidade, comunicação e ecossistemas comunicativos reside, em primeiro lugar, na possibilidade de fortalecer perspectivas já existentes na Educomunicação: como das trocas simbólicas e qualidades de interação salientadas por Soares (2004); ou das qualidades de diálogo, interação, experiências, vivências culturais, relações interpessoais e modos de expressão destacados por Tavares Jr. (2007); e as dinâmicas de constituição de comunidades, referidas por Consani (2008).

Mas existe uma segunda motivação: abordar a transformação da sensorialidade na relação entre educação, comunicação e tecnologia tem a potência de vencer as limitações de um paradigma que ainda hoje reduz a potência dessa relação, tanto do ponto de vista conceitual, como na perspectiva prática. O viés cartesiano do pensamento ocidental sintetizou por séculos os modos de ser e agir das pessoas como produtos exclusivos da mente que, por este mesmo viés, seria um resultado específico da atividade cerebral.

Felizmente, há algumas décadas esse tipo de segmentação passou a ser desafiada por novos questionamentos da história do pensamento e descobertas da Neurociência. Esta área do conhecimento vem modificando noções que pareciam cristalizadas sobre a cognição humana e hoje já não trabalha mais com a ideia de que o pensamento humano é um produto exclusivo do cérebro. Mas, sim, um desdobramento da integração entre diferentes sistemas, camadas e funções do corpo, que conjuntamente dialogam com estímulos internos e externos, produzindo a cognição. Um dos autores mais emblemáticos, Antonio Damasio, esclarece:

“(i) O cérebro humano e o resto do corpo constituem um organismo indissociável, integrado por meio de circuitos bioquímicos e neurais reguladores (incluindo componentes neurais endócrinos, imunes e autonômicos); (2) O organismo interage com o ambiente com um conjunto; a interação não é nem do corpo sozinho nem do cérebro sozinho; (3) As operações fisiológicas que chamamos de mente são derivadas do conjunto estrutural e funcional e não do cérebro isoladamente; fenômenos mentais podem ser inteiramente entendidos apenas no contexto de um organismo interagindo em um ambiente. O fato do ambiente ser, em parte, um produto da própria atividade do organismo, apenas ressalta a complexidade das interações que temos de levar em conta.”² (DAMASIO, 1994, p. 16-17)

A constatação de Damasio aponta não só para a completa integração entre o cérebro e o “resto” do corpo, no contexto da cognição, como também salienta o diálogo contínuo

2 Livre tradução: “(i) The human brain and the rest of the body constitute an indissociable organism, integrated by means of mutually interactive biochemical and neural regulatory circuits (including endocrine, immune, and autonomic neural components); (ii) The organism interacts with the environment as an ensemble: the interaction is neither of the body alone nor of the brain alone; (iii) The physiological operations that we call mind are derived from the structural and functional ensemble rather than from the brain alone: mental phenomena can be fully understood only in the context of an organism’s interacting in an environment. That the environment is, in part, a product of the organism’s activity itself, merely underscores the complexity of interactions we must take into account.”

entre corpo e ambiente para a constituição da mente.

Essa perspectiva, que se tornou fundamental no campo da Neurociência, também está presente em reflexões recentes no campo das Ciências Humanas. É o que elucida Ferreira (2013) ao identificar o surgimento de um “paradigma animista”, no pensamento contemporâneo, que reúne um conjunto de abordagens sociológicas que dão vida (*anima*) à carne, anteriormente resumida à condição epistemológica de discurso, material ou ideal.

“Os conceitos de “corpo vivido” e de “encarnação” explorados neste paradigma trazem para o centro da discussão sociológica o pressuposto da indivisibilidade entre o sujeito e a sua carne, ultrapassando dualidades e dualismos enraizados na história do pensamento sobre o corpo.” (FERREIRA, 2013 p. 521)

Essas recentes contribuições da Neurociência e das Ciências Humanas trazem desdobramentos interessantes para o entendimento dos ecossistemas comunicativos. O primeiro e mais imediato deles é que a transformação do *sensorium*, apontada por Martín-Barbeiro, implica uma transformação no corpo. É o corpo integrado, em diálogo com as tecnologias digitais e todo o contexto social que as envolve, que entra em contato, interpreta, sente, compreende, reflete, reage, expressa e ressignifica o ser e estar de cada sujeito nesse novo contexto, revelando assim um novo *sensorium*.

Essa mesma perspectiva do *sensorium*, resgatada de Walter Benjamin por Martin-Barbeiro, em McLuhan é base para reconhecer também uma transformação de sociabilidade que vem imbricada à mudança de sensorialidade. Di Felice faz referência a McLuhan para esclarecer a relação entre mudança de sensorialidade e mudança de sociabilidade: “O seu ponto de partida está na constatação de que a introdução de um novo médium em uma cultura muda o ‘equilíbrio sensorial’ e, conseqüentemente, as formas e as práticas das interações.” (DI FELICE, 2009, p. 161)

Para Di Felice, uma característica distintiva das sensorialidades e sociabilidades que surgem na era das tecnologias digitais em rede é a constituição de uma nova forma de habitar³ o mundo, de caráter reticular e transorgânico, que ele denomina de *habitar atópico*:

“O resultado do surgimento desse novo social interativo e ilimitado é a construção de uma sociabilidade e um habitar pós-territorial. Além da arquitetura e da geografia, o habitar atópico não é mais ligado às coordenadas topográficas nem a um genius loci, mas a fluxos informativos e a uma espacialidade morante, nem externa nem interna, um habitar nem sedentário nem nômade que por meio da tecnologia wireless e da computação móvel, faz do corpo o suporte da informação, aglomerando a “biomassa” com a “infomassa”, numa inter-relação fluida.” (DI FELICE, 2009, p. 226)

Essa nova forma do habitar, caracterizada pela perspectiva reticular da tecnologia, do ambiente, do ser e das relações em sociedade, está enraizada nas mudanças de sensorialidade atreladas ao digital. Daí a pertinência em incluir o corpo na noção de

³ Di Felice (2009) indica que as formas de habitar são resultado de uma simbiose entre o ser humano, sua percepção do mundo, as tecnologias midiáticas e a natureza, influenciadas pelas dinâmicas comunicativas de cada época.

ecossistemas comunicativos: um não existe apartado do outro. A esse respeito cabe resgatar aqui reflexão realizada em estudo anterior:

(...) mesmo o que parece uma relação estritamente orgânica, fatalmente será apropriada pela dimensão transorgânica do corpo, uma vez que uma experiência de conexão com a natureza, o luar, as mudanças climáticas, a biodiversidade, os serviços ecossistêmicos, as geografias eventualmente serão digitalizados, guardados em nossa memória virtual, compartilhados na rede, acessados e comentados em nossas extensões tecnológicas.

Vimos, portanto, que as mudanças sensoriais e perceptivas associadas ao habitar atópico estimulam um reconhecimento do reticular no mundo – uma nova percepção das conexões das coisas e dos processos naturais e antropogênicos e seus desdobramentos. Ao mesmo tempo em que estimulam o reconhecimento da condição reticular e fractal do corpo próprio e de tornar suas potencialidades, sua capacidade perceptiva, sensitiva, cinética, psico e biofísica unas com o habitar do mundo.” (BARRETTO, 2013, p.66-67)

Neste sentido, a perspectiva do *habitar atópico* modifica não só nossos entendimentos sobre o humano, mas sobre o ambiente e a própria tecnologia, conforme postula Di Felice:

“A impossibilidade de perfeita distinção dos limites que separam os nossos corpos do mundo e daqueles outros entrepostos entre os instrumentos técnicos e a nossa percepção, induz, em nossos dias a necessidade de repensar os significados e as formas das relações comunicativas com o ambiente, a partir das tecnologias utilizadas para comunicar com ele. O próprio conceito de mídias, analisado nesta perspectiva, pode ser pensado, no caminho dos estudos propostos por D. De Kerckhove [2009], como uma psicotecnologia, ou seja, como uma tecnologia de inteligência, que interpreta e organiza as informações em simbiose com a nossa estrutura mental (...)” (DI FELICE, 2009, p. 63-64)

Temos aí um duplo convite. De um lado, não há mais como pensar corpo e ambiente sem pensar também em tecnologia. De outro, compreender as possibilidades de uso das tecnologias, de produção midiática, de transformação dos sujeitos a partir das interações com os dispositivos digitais e, também, das relações entre Comunicação e Educação significa um convite para reconhecer e explorar como o corpo é implicado e afeta todos esses elementos.

O pano de fundo para essa leitura é o da perspectiva da complexidade, tal qual formulada por Morin:

“O que é a complexidade? A primeira vista, a complexidade é um tecido (complexus: o que está tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparáveis associados: apresenta o paradoxo do uno e do múltiplo. Ao mirar com mais atenção, a complexidade é, efetivamente, o tecido de eventos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. Assim é que a complexidade se apresenta com as linhas inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza (...)” (MORIN, 1994, p. 32)

A perspectiva da complexidade também permite identificar que não existe uma relação linear ou de causa e efeito no surgimento de uma conexão íntima entre tecnologia e sensorialidade, uma vez que ambos elementos se alimentam reciprocamente. É o tipo de dinâmica que Morin (1994) denomina recursividade. Isto significa que, ao mesmo tempo em que as novas tecnologias influenciam o modo de perceber e agir no mundo, propiciando uma perspectiva em rede sobre diferentes fatos, essas próprias tecnologias também são fruto de uma perspectiva em rede já latente no pensamento humano. Assim, um fenômeno alimenta o outro, sem que se possa definir exatamente quem gerou quem.

Inevitável que essa dinâmica se observe também na relação com o corpo, revelando justamente a ideia de mudança do *sensorium* aludida por Martín-Barbeiro (2000). Em outras palavras, as transformações da percepção sensível nutrem e são nutridas pelas dinâmicas das tecnologias digitais reticulares; e instigam e são instigadas por uma sociabilidade nova, atravessada pelos fluxos conectivos entre seres humanos, natureza e tecnologia.

Essa perspectiva reticular, que passa a se expressar com frequência nas ações e pensamentos na sociedade contemporânea, irá se revelar em situações tão diversas como a abordagem sistêmica da Neurociência sobre a cognição e o corpo; o entendimento da sociedade e do meio ambiente como sistemas integrados e interdependentes; os novos modos de acompanhar a política de um país, por meio de mídias digitais e ativismos em rede; as disputas em *games* eletrônicos com times formados por pessoas em diferentes partes físicas do globo; as manipulações da opinião pública por meio de *fake news* que se disseminam pelo disse-me-disse nos aplicativos de mensagens etc.

Esses, entre tantos outros exemplos possíveis, poderiam ser pauta de reflexão e prática nas abordagens educacionais, na produção de conteúdo comunicacional, na realização de aulas e debates educativos.

Mas o foco específico aqui é reconhecer a assimilação de que as redes que configuram os ecossistemas comunicativos também incluem o corpo em sua totalidade sistêmica. Desse modo, que novos caminhos e perspectivas na Educação emergem do corpo enquanto universo do *sensorium* na era digital?

Um primeiro desdobramento relevante é que, ao adicionarmos o corpo entre os elementos que compõem os ecossistemas comunicativos, propomos uma ampliação do sentido de Comunicação que permeia esse conceito. Teríamos, desse modo, algo mais próximo da definição de Muniz Sodré, da ciência do comum, “*em que a comunicação se configura como forma reguladora, imprescindível ao laço coesivo com o socius ou a convivência.*” (SODRÉ, 2014, p.232) O que envolve diferentes tipos de formas de diálogo e fluxos orientados à construção do comum, incluindo aqueles que atravessam o corpo presente e os estados virtuais da presença humana no contemporâneo.

Outro desdobramento é que a Educação passa a ter diante de suas esferas de conhecimento e de prática o desafio de incluir o corpo vivo, não só como objeto e sujeito de discursos, mas como dimensão experiencial e da complexidade do humano, conforme

ajuda a refletir Selgas:

"(...) ressaltar o caráter 'encarnado' da nossa identidade e da nossa experiência, e centrar a atenção na constituição dos agentes sociais, conduz-nos a ver as duplas naturezas que habitam o nosso corpo: é carne e osso, mas também entidade social; é símbolo primeiro do self, mas também da comunidade; é algo que temos e algo que somos, que nos tem; é individual e único, mas também é comum a toda a humanidade; é ao mesmo tempo objeto e sujeito."
(SELGAS, 1994, p. 45)

O corpo não é, portanto, apenas aquele que opera mídias; que expressa concepções da cultura, padrões sociais, formas de controle e dinâmicas do mercado; ou que apenas pensa, fala e move. O corpo continua percebendo o mundo, agindo e interagindo por meio de emoções, sentimentos, instintos, impulsos, desejos, movimento, sensorialidades e todas as singularidades que são próprias deste sistema vivo em constante diálogo interno e externo.

E que potências podem ser destravadas no sujeito ao se estimular todo o universo corporal no fazer educacional, sem subjugá-lo ao papel de veículo para um cérebro pensante?

Essa é uma questão que demanda respostas forjadas na prática. A Neurociência e as Ciências Humanas já nos informam que o humano é mais potente quando o universo corporal integrado e conectivo deixa de ser negligenciado como produtor de experiência e conhecimento.

Mas algumas pistas podem ser capturadas de uma outra área que se hibridiza com a da Educação e que propõe alimentar a consciência corporal e as potências psicomotoras do corpo em suas múltiplas camadas para gerar transformações na percepção, na produção de conhecimento, nos modos de ser e estar do sujeito.

Trata-se das abordagens de educação somática, que são práticas que desenvolvem a propriocepção, a habilidade de reconhecer as estruturas e dinâmicas sutis internas do corpo e a capacidade do ser humano construir movimento e interagir com o espaço e os outros para além dos padrões psicomotores herdados e ensinados.

"Ao acordar, ao sensibilizar uma dada articulação, adquiro mais um ponto de equilíbrio em meu corpo, e isso acaba agindo sobre todo o resto, inclusive sobre coisas que aparentemente nada têm que ver com músculos e articulações, como a atividade intelectual." (VIANNA, 2005:99)

Neste exemplo singelo e específico, Klaus Vianna, desenvolvedor de um método único e brasileiro de educação somática, indica a potência que o corpo estimulado em toda sua dimensão sistêmica pode trazer para a produção de conhecimento e autoconhecimento. Mas também a percepção em nível coletivo está ao alcance dessas transformações, como nos esclarece outro mestre da educação somática:

“A modificação do imaginário deve ocorrer na forma de uma experiência coletiva, numa relação de troca com o grupo, numa sala de aula, por exemplo. O aluno se desenvolve observando o outro, testemunhando a ação do colega. Por meio de estímulos trazidos pelo professor e pelos companheiros, as trocas começam a ocorrer, desencadeando uma rede de mútuas influências benéficas. A imaginação, materializada em modos diversos de expressão, passa a não mais se contentar com o programa de TV desprovido de ideias, com o texto mal elaborado, com a música fácil.” (BERTAZZO, 2004, p. 31)

Essas referências propõem uma mudança de modelo mental nas atividades educacionais, ao refutar a separação entre corpo e mente própria do paradigma cartesiano, como já tem ocorrido também nas Ciências Humanas:

“Corpo e mente, corpo e pensamento, corpo e imagem constituem obstáculos para as narrativas da ciência. Ao priorizarem as relações sociais como foco analítico, as ditas humanidades esquecem-se de que sentidos, sentimentos, imagens corporais integram e delimitam o mundo da vida. Creditada ao paradigma cartesiano, essa dualidade impede que uma hominescência⁴ – um diferencial da hominização – seja posta em prática nos dias atuais.” (CARVALHO, 2008, p. 27)

Os modos pelos quais esse tipo de destravamento pelo do corpo pode ser transposto ao campo da Educomunicação são muitos: práticas corporais específicas para estímulo da perspectiva integrada do pensamento individual e coletivo; desenvolvimento de atividades que potencializam a construção de conhecimento e de habilidades comunicativas a partir do estímulo da sensorialidade e de habilidades corporais; realização de projetos que instiguem o lado expressivo do corpo em consonância com a produção midiática na educomunicação; construção de conhecimento coletivo e debates a partir de etapas anteriores de sensibilização da consciência corporal e da construção de movimento; mergulho experiencial nas dinâmicas em rede do corpo para elucidar a condição reticular da era digital e do meio ambiente sistêmico; entre muitas outras possibilidades.

Não importa a forma, o que está em proposição neste artigo, realizado a partir de revisão bibliográfica interdisciplinar, é que o campo da Educomunicação – que historicamente emergiu entre brechas e resistências e que já tem se aberto ao campo das artes, por exemplo – tem adiante mais uma possibilidade de ampliação de estudo e prática, a partir da assimilação do corpo vivo como parte dos ecossistemas comunicativos que estruturam seu foco de atuação. Apropriar-se dessa possibilidade é avançar para além do paradigma cartesiano de segmentação entre corpo e mente e, principalmente, aprofundar o sentido de transformação do sujeito que é definidor da reflexão e das práticas em Educomunicação.

REFERÊNCIAS

BARRETTO, Ricardo. **Corpo e sustentabilidade no habitar atópico**: antigas e novas relações entre ser humano, natureza e tecnologia. Monografia de Especialização. São Paulo: ECA-USP, 2013.

4 Conceito de Serres (2003) que remete à possível experiência de florescimento ser humano na contemporaneidade.

BERTAZZO, Ivaldo. **Espaço e Corpo**: Guia de Reeducação do Movimento. São Paulo: SESC, 2004.

CARVALHO, E. Diálogos do corpo. *In*: GARCIA, W. (Org.). **Corpo & interatividade**: estudos contemporâneos. São Paulo: Factash Editora, 2008.

CONSANI, Marciel. **Mediação Tecnológica na Educação**: Conceito e aplicações. Tese de Doutorado, São Paulo: ECA/USP, 2008.

DAMASIO, A. **Descartes' error**: emotion, reason and the human brain. NYC: Avon Books, 1994.

DE KERCKHOVE, D. **A pele da cultura**. São Paulo: Annablume, 2009.

DI FELICE, M. **Paisagens pós-urbanas**: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo: Annablume, 2009.

FERREIRA, V. S. Resgates sociológicos do corpo: esboço de um percurso conceptual. **Análise Social**. Lisboa, 208, xlviii (3.º), 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Retos culturales: de la comunicación a la educación. **Nueva Sociedad**. Caracas, n.169, sep.-oct. 2000, p.33-43.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Palo: Cultrix, 1964.

MORIN, E. **Introducción al pensamiento complejo**. Madrid: Gedisa, 1994.

SELGAS, F. J. G. El 'cuerpo' como base del sentido de la acción. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**. Madrid, 68, 1994, pp. 41-83.

SERRES, M. **Hominescência**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SOARES, Ismar. Alfabetização e Educomunicação: O papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida. *In*: III TELECONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. 2004. São Paulo: USP, 2004.

SODRÉ, M. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. São Paulo: Vozes, 2014.

TAVARES JR, Renato. **Educomunicação e expressão comunicativa**: A produção radiofônica de crianças e jovens no projeto educom.rádio. Dissertação de Mestrado, São Paulo: ECA/USP, 2007.

VIANNA, Klauss. **A Dança**. São Paulo: Summus, 2005.

ÍNDICE REMISSIVO

A

análise de conteúdo 26, 37, 221, 228, 268

Análise de Conteúdo 242

Art-College Berlin-Weissense 88

C

Câncer de Mama 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99

Ciberativismo 26, 50

Comunicação Política 30, 32, 221

Conselho Tutelar 202, 210, 213, 214, 215, 219

Constituição Federal 4, 102, 203, 221, 222, 300, 303, 305

Crise Econômica 141, 145, 154, 308, 310, 313, 316

D

Discurso Publicitário 308, 312, 314, 319

Ditadura Civil-Militar 25, 111, 112, 114, 115, 118, 120, 122, 123

E

Educomunicação 75, 76, 78, 81, 83, 84

Estética 16, 43, 95, 98, 110, 111, 112, 122, 159, 170, 174, 175, 176, 178, 191, 264, 298

F

Feminicídio 4, 7, 10, 11, 13, 40

Feminismo 15, 24, 27, 34, 39, 44, 45, 46, 48, 51, 52, 65, 66, 68, 74

Fotografia de Exaltação 286, 287, 293

Foucault 19, 20, 24, 40, 42, 43, 51, 102, 106, 107, 108, 109, 253, 254, 264, 318, 320

G

Gaudreault 112, 113, 120, 123

Gênero 3, 4, 5, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 97, 173

Grotesco 172, 174, 175, 180

Guerra Civil 157, 164, 167

Gutenberg 194, 196, 200

H

Habitus 313, 318

Historicidade 252, 253, 254

I

Imprensa 2, 5, 9, 10, 11, 12, 18, 22, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 64, 107, 154, 155, 157, 159, 160, 162, 164, 165, 167, 168, 169, 177, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 227, 255, 256, 283, 288, 333

Infotendimento 150, 181, 191

Intervenção Federal 221, 222, 225, 228, 234, 236, 238, 239, 240, 241

J

Jornalismo Sindical 53, 54, 55, 56, 64, 333

Jornal Nacional 221, 225, 226, 228, 229, 230, 233, 235, 238, 241

Judith Butler 15, 44

K

Katharina Mouratidi 85, 86, 87, 88, 91, 92, 94, 96, 100

L

LGBT 16, 17, 18, 20, 21, 22, 25, 211

M

Marketing Territorial 140

Martín-Barbero 75, 76, 77, 84, 191, 193, 255, 264

Mídias Digitais 40, 41, 46, 47, 81

MTST 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Muniz Sodré 81, 172, 190, 224

N

Narrativa 93, 111, 112, 114, 118, 122, 123, 160, 171, 173, 182, 185, 186, 189, 190, 192, 228, 291, 292, 317

Neuromarketing 244, 245, 246, 247, 250, 251

Noticiabilidade 6, 170, 177, 182

Novos Movimentos Sociais 124, 126, 206

P

Performance 17, 18, 91, 92, 98, 100

Pesquisa Exploratória 34

Políticas Públicas 4, 12, 13, 38, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 144, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 223, 281, 304

Prensa 189, 194, 195, 197, 198, 199, 201, 294

Protestantismo 200

Psicologia Ambiental 295, 296, 297, 299, 304, 305, 307

R

Rádio 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 84, 161, 173, 184, 257

Redes Sociais 26, 30, 32, 33, 39, 41, 46, 49, 50, 77, 148, 167, 180

Representações Midiáticas 252

S

Subproletariado 131

V

Valor Notícia 170, 171, 174, 177

Comunicação, Política e Atores Coletivos

 **Atena**
Editora
Ano 2020

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Comunicação, Política e Atores Coletivos

 Atena
Editora
Ano 2020

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 